

**CAROLINA MARIA DE JESUS E ESTAMIRA:
UMA PESQUISA INTERDISCIPLINAR SOBRE O DISCURSO
E SUA RELAÇÃO COM O CORPO**

Daniele Ribeiro Fortuna (UNIGRANRIO)
drfortuna@hotmail.com

RESUMO

Esta pesquisa busca analisar, sob uma perspectiva comparativa, os livros *Quarto de Despejo* e *Meu Estranho Diário*, de Carolina Maria de Jesus, e o filme *Estamira*, no que diz respeito ao corpo, ao nojo e ao cenário urbano. A metodologia para sua realização se estrutura em três linhas: a analítica, a teórica e a comparativa. Uma das hipóteses do projeto se relaciona ao discurso como reverberação da verdade, conforme considera Foucault. Nesse sentido, as palavras de Carolina Maria de Jesus e de Estamira podem ser analisadas como resultado e parte de um fato real.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. Estamira. Discurso.

1. Introdução

A pesquisa “*Quarto de Despejo*, *Meu Estranho Diário* e *Estamira*: o corpo, o nojo e a cidade” vem sendo desenvolvida desde 2013. Seu objetivo principal é analisar, sob uma perspectiva comparativa, os livros *Quarto de Despejo* e *Meu Estranho Diário*, de Carolina Maria de Jesus, e o filme *Estamira*, no que diz respeito ao corpo, ao nojo e ao cenário urbano.

O livro *Quarto de Despejo* foi publicado em 1960. Nele, a autora narra detalhes sobre seu dia a dia como catadora de lixo na cidade de São Paulo. Mais de trinta anos depois, em 1996, textos inéditos de Carolina não apenas sobre sua vida na favela do Canindé – onde vivia na década de 1950, mas também sobre o que aconteceu após a publicação de *Quarto de Despejo*, foram reunidos pelos historiadores José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert Levine no livro *Meu estranho diário*.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Os textos de Carolina Maria de Jesus se constituem em narrativas fragmentadas, repletas de erros gramaticais. Para esta pesquisa, foram analisados somente os trechos relativos ao período em que a escritora morou na favela e trabalhou como catadora de lixo.

Acredita-se que Carolina de Jesus tenha nascido por volta de 1914, na cidade de Sacramento, em Minas Gerais. A escritora estudou pouco, apenas o suficiente para se alfabetizar e se interessar pelos livros. Aos 16 anos, mudou-se para Franca, em São Paulo e, bem mais tarde, para a capital do estado. Depois dos 30 anos de idade, Carolina teve três filhos – cada um de um pai diferente –, os quais sustentou sozinha.

Trabalhou em diversas atividades, como faxineira de hotel, auxiliar de enfermagem, vendedora e empregada em casas de família. Finalmente, tornou-se catadora de lixo, profissão que exerceu até tornar-se escritora e, com a ajuda do jornalista Audálio Dantas, publicar *Quarto de Despejo*. Apesar de ter vendido milhares de livros, faleceu em 1977, na miséria.

No filme *Estamira*, a personagem que dá nome ao documentário tem seu cotidiano retratado. Também catadora de lixo, Estamira viveu no subúrbio do Rio de Janeiro, no início da década de 2000, e trabalhou no aterro sanitário de Gramacho, em Duque de Caxias. Como Carolina, Estamira passou por várias situações difíceis ao longo de sua vida: sofreu assédio por parte de seu avô quando era criança, o pai morreu cedo, a mãe foi internada à revelia em um manicômio, tornou-se prostituta na adolescência, casou-se duas vezes com homens que a maltrataram e a traíram e foi estuprada duas vezes.

Mais de quarenta anos separam Carolina de Estamira. Cidades e contextos diferentes, mas várias semelhanças. As duas são o que Bauman (2005, p. 12) denomina de “refúgio humano”, pessoas “deslocadas”, “inadaptadas” ou “indesejáveis”. Ambas viveram em centros urbanos, à margem da sociedade e fizeram do lixo sua forma de sustento. Igualmente, as duas tiveram seus corpos afetados por essa realidade. E suas palavras e atitudes demonstram suas emoções.

Neste artigo, apresentaremos os resultados parciais da pesquisa “*Quarto de Despejo*, *Meu Estranho Diário* e *Estamira*: o corpo, o nojo e a cidade”, principalmente no que diz respeito à relação dos corpos, emoção e discurso de ambas as narrativas.

2. *O discurso e as emoções*

É quase impossível pensar na vida sem refletir também sobre as emoções. Nascimento, infância, adolescência, relacionamentos, vida profissional, maternidade ou paternidade, morte etc.: todas as fases da nossa existência são permeadas por algum tipo de emoção.

As emoções podem – ou não – ser intensas para cada sujeito, nos diferentes momentos citados acima, mas a forma de expressá-las varia de acordo com o grupo social. Na verdade, “há sentimentos que são produzidos socialmente – nas relações sociais – e que têm efeitos significativos para as interações e coletividade de modo amplo” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 13).

Assim, é possível considerar que os sentimentos são influenciados pelas relações e contextos socioculturais em que se encontra o indivíduo. Para Rezende e Coelho (2010, p. 40), as emoções são “parte de esquemas ou padrões de ação aprendidos em interação com o ambiente social e cultural”.

A família, a cultura, a trajetória de cada um, tudo isso pode afetar as emoções. De acordo com Le Breton (2009, p. 117, 118), “o desencadear das emoções é necessariamente um dado cultural tramado no âmago do vínculo social e nutrido por toda a história do sujeito. Ele mostra aos outros uma maneira pessoal de ver o mundo e de ser afetado por ele”.

Nesse sentido, as intempéries ou vitórias, pelas quais uma pessoa passa, não despertam sempre o mesmo sentimento. Tudo depende da história de vida de cada um, entre vários outros fatores. Segundo David Le Breton (2009, p. 117), as emoções “são formas organizadas de existência, identificáveis no seio de um mesmo grupo, porque elas provêm de uma simbólica social, embora elas se traduzam de acordo com as circunstâncias e as singularidades individuais”.

No que diz respeito à expressão das emoções, o discurso tem papel fundamental, já que é por meio dele que o indivíduo revela o que sente. Rezende e Coelho (2010, p. 78) consideram que a função do discurso vai além da simples expressão, pois se trata de uma fala “que mantém com a realidade uma relação não de referência, mas sim de formação”. Dessa forma, o real passaria a existir a partir do que é dito sobre ele.

Tal função do discurso, o de ‘formar’ o real, está relacionada ao que Foucault considera como discurso. Segundo ele, “o discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus

próprios olhos” (FOUCAULT, 2012, p. 46). O sujeito, de acordo com Foucault, anima com seus atos, as formas vazias da língua (*Idem, ibidem*) e, portanto, confere ao discurso um imenso poder: o de representar, nomear, classificar e explicar.

Para o filósofo francês (FOUCAULT, 1966), as palavras são soberanas. Nesse sentido, Rezende e Coelho (2010, p. 78) apostam em uma “micropolítica da emoção”, já que o discurso é capaz de “dramatizar, reforçar ou alterar as macrorrelações sociais que emolduram as relações interpessoais nas quais emerge a experiência emocional individual”. Por isso, as autoras acreditam que “as emoções surgem perpassadas por relações de poder, estruturas hierárquicas ou igualitárias, concepções de moralidade e demarcações de fronteiras entre os grupos sociais”. (REZENDE; COELHO, 2010, p. 78)

Se as palavras são soberanas, como considera Foucault, e se o discurso pode dramatizar, reforçar ou alterar as relações sociais, podemos dizer que a relação entre discurso e realidade é de formação, mesmo que, muitas vezes, os fatos demonstrem o contrário. Estamira, por exemplo, acreditava na existência de um ‘controle remoto’, com poderes especiais, capaz de controlar os homens. Para ela, então, isto era real.

Ao expormos parcialmente as bases teóricas da pesquisa, podemos analisar como se aplicam no *corpus* analisado.

3. Carolina Maria de Jesus e Estamira: sonhos e emoções deslocadas

Embora seja possível perceber, ao ler os diários de Carolina Maria de Jesus, que a escritora mantém sua sanidade mental, ela se sente sempre cansada, “um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (JESUS, 1997, p. 33). As pessoas com quem convive na favela vivem entorpecidas pelo álcool ou padecem de diferentes males físicos. As dificuldades pelas quais passa Carolina e o ambiente que a cerca afetam suas emoções e seu corpo, o que pode ser claramente percebido por meio de seu discurso.

Já Estamira parece ter perdido o contato com a realidade. No filme, cenas mostram moscas caminhando por seu corpo, sem que ela demonstre se importar. Seus companheiros catadores, com quem trabalha no aterro sanitário, também demonstram estar cansados, desgastados pelo tempo e pelas atividades que ali desempenham. As falas da personagem

que dá nome ao documentário também revelam suas emoções afetadas pelo ambiente e condições em que vive.

Carolina tem na escrita e nos sonhos seu lugar de sobrevivência. Estamira, por vezes, delira e suas emoções parecem deslocadas. Seus discursos demonstram como as palavras se transformam no real para cada uma delas.

Em seu diário, Carolina Maria de Jesus (1997, p. 19) afirma: “O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável”. Este tipo de frase é comum nos textos da escritora que, muitas vezes, oscila entre o sonho e a realidade: “Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: Faz de conta que eu estou sonhando” (*Idem, ibidem*, p. 26).

Para Carolina, os sonhos que relata podem ser considerados como uma “saída do refúgio que lhe foi dado viver antes do polêmico sucesso causado por seu *diário*” (MEIHY, 2002, p. 333). Sua fala sobre eles indica a busca de uma emoção positiva em meio a um dia-a-dia massacrante.

A escritora escrevia ainda devaneios sobre a beleza do dia e a natureza: “Dia das mãos. O céu está azul e branco. Parece que até a Natureza quer homenagear as mãos que atualmente se sentem infelizes por não poder realizar os desejos dos seus filhos... O sol vai galgando. Hoje não vai chover. Hoje é o nosso dia”. (JESUS, 1997, p. 26)¹⁸

Ou ainda:

Contemplava extasiada o céu cor de anil. E eu fiquei compreendendo que eu adoro o meu Brasil. O meu olhar pousou nos arvoredos que existe no início da rua Pedro Vicente. As folhas movia-se. Pensei: elas estão aplaudindo este meu gesto de amor a minha pátria. (JESUS, 1997, p. 34)

As palavras de Carolina refletem a tentativa de encontrar uma sensação de felicidade e beleza em uma realidade de sofrimento e precariedade. Seu diário é, de fato, um espaço de sobrevivência. Seu corpo está cansado, mas a fantasia de suas palavras lhe permite uma pausa desse cotidiano aflitivo.

A autora de *Quarto de Despejo* também costumava a escrever sobre o desejo de usar roupas outro tipo de roupas ou de morar em um local bonito. Sobre as vestimentas, ela diz: “Eu durmi. E tive um sonho maravilhoso. Sonhei que era um anjo. Meu vestido era amplo. Mangas longas

¹⁸ Os trechos aqui citados foram transcritos exatamente como estavam no original.

cor de rosa. Eu ia da terra para o céu. E pegava as estrelas na mão para contemplá-las”. (JESUS, 1997, p. 107)

Em relação ao desejo de viver em outro lugar, afirma:

(...) Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia para esquecer que estou na favela. (JESUS, 1997, p. 52)

Seus textos, portanto, revelam a escolha pela beleza. Se o discurso é lugar de concretização do real, os sonhos de Carolina, de certa forma, eram reais. A escritora fazia de seu diário um espaço de estruturação de um mundo melhor, mais bonito e agradável.

Já as falas de Estamira mostram alguém que perdeu o contato com a vida real e transformou seus delírios em um mundo paralelo. A personagem foi diagnosticada como “portadora de quadro psicótico de evolução crônica, alucinações auditivas, ideias de influência, discurso místico”¹⁹ De acordo com relatos de sua família ao longo do documentário, Estamira agia como uma pessoa aparentemente equilibrada até ser estuprada duas vezes. Antes religiosa, tornou-se descrente e revoltada com Deus.

No filme, Carolina, sua filha, revela que, um dia, Estamira ficou olhando fixamente para um coqueiro e, então, disse: “Isso é que é o poder. Isso é que é real” (ESTAMIRA, 2005). A partir daí, então, Estamira passou a alternar momentos de delírio com de lucidez – ao longo do documentário, entretanto, ela se torna cada vez mais delirante.

Suas falas dão testemunho do estado mental em que se encontra, mostrando como suas emoções são, de certa forma, deslocadas. Em várias cenas, vemos a personagem no aterro sanitário de Gramacho, cercada por lixo e animais – cachorros e urubus. O ambiente é inóspito, mas ela parece não se importar: várias vezes, cenas mostram Estamira sentada no meio do lixo, à vontade. Suas palavras confirmam: “Tem vinte anos que eu trabalho aqui. Eu adoro isso aqui.” (*Idem, ibidem*)

Estamira remexe o lixo com naturalidade e encontra coisas que leva para sua casa. Em uma cena, a personagem mostra para câmera um

¹⁹ Esta definição foi retirada do documentário, no momento em que Estamira mostra um papel assinado por um psiquiatra, que contém este diagnóstico.

vidro sujo que, segundo ela, seria de palmito. Ela afirma que o levará para casa para fazer uma macarronada: “Isso aqui, eu como purinho. É palmito. Eu ponho no molho de macarrão também”. (*Idem, ibidem*). Em nenhum momento, a catadora demonstra nojo. Ao contrário, ela parece sentir-se confortável.

Entretanto, há um assunto, à primeira vista inofensivo, que a tira do sério, fazendo com que seu discurso e suas emoções se alterem radicalmente: Deus. Ao ouvir a esta palavra, Estamira se transforma. Sua reação parece ser de nojo, pois seu discurso é proferido como um jorro. Seu corpo também se modifica – os olhos se arregalam, sua respiração fica ofegante e uma tensão evidente toma conta dele. É uma resposta automática e imediata a um estímulo que a afeta fortemente.

O nojo parece, então, atuar como um zelador que garante sua segurança, mantendo-a distante de algo que a ameaça. Sua fala demonstra esta sensação. Com raiva, ela afirma:

Já me bateram com pau pra mim aceitar Jesus. Mas esse Deus desse jeito, esse Deus deles, esse Deus sujo, esse Deus estuprador, esse Deus assaltante de qualquer lugar, de tudo quanto é lugar, esse Deus arrombador de casa, com esse Deus, eu não aceito. Nem picadinha a carne, nem a minha carne picadinha, de faca, de facão, de qualquer coisa, eu não aceito, não adianta. (ESTAMIRA, 2005)

Dessa forma, o que para muitos é uma figura relacionada à segurança, fé, paz e até alegria, para Estamira é algo sujo no sentido moral – assaltante, estuprador, arrombador de casa. A simples menção ao nome de Deus a faz reviver uma sensação negativa.

Tal afirmação fica mais evidente, quando, em uma das cenas, seu neto pergunta: “Ô, vó, por que a senhora tem tanta raiva assim de Deus? (...) Sem ele você não podia estar aqui agora.” (*Idem, ibidem*) Ao que Estamira responde: “É ruim! Você me respeita! Eu não quero perder a paciência. Você tá com Deus enfiado no teu cu? Eu tenho 62 anos. Você quer saber mais do que eu? Não foi Deus que pariu sua mãe, não! Fui eu! Aqui que eu pari, foi aqui que eu pari sua mãe” (*Idem, ibidem*). Nesse momento, Estamira abaixa as calças e continua: “Você pega o seu Deus e vai pro caralho. Vai pro inferno, vai pro céu, vai pro caralho!” (*Idem, ibidem*)

Assim, é possível perceber que seu discurso reflete suas emoções, tornando o real ainda mais difícil de se enfrentar. O tempo parece contribuir para tornar seu estado ainda mais crítico e suas sensações, mais des-

locadas: Deus passa a ser cada vez mais nojento e o lixão, sinônimo de felicidade.

A última cena do filme mostra Estamira na praia. Sua última fala é: “A única sorte que eu tive foi conhecer o senhor Jardim Gramacho, o lixão, o senhor Cisco Monturo (*sic*), que eu amo, que eu adoro, como eu quero bem os meus filhos, como eu quero bem meus amigos” (ESTAMIRA, 2005). Dessa forma, o lixão deixa de ser apenas um lugar aprazível para se transformar em algo tão bom, que pode ser comparado aos filhos e às amizades.

4. Considerações finais

A pesquisa “*Quarto de Despejo, Meu Estranho Diário e Estamira: o corpo, o nojo e a cidade*” ainda está em andamento, mas já foi possível chegar a algumas conclusões preliminares. Dentre elas, o presente artigo procurou demonstrar, por meio dos textos de Carolina Maria de Jesus e das falas de Estamira, a noção foucaultiana segundo a qual o discurso é reverberação da verdade.

As emoções afetam o corpo, fazendo com que este reaja de diversas maneiras – medo, raiva, nojo, alegria etc. Mas os sentimentos só parecem mais concretos quando os expressamos.

O que sentiam Carolina Maria de Jesus e Estamira? Como eram suas vidas? Apenas suas falas podem responder essas perguntas. E, se como afirmamos anteriormente, o discurso ajuda a estruturar o real, suas palavras são um mundo à parte. Mundo de fantasia, sonho, delírio e deslocamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- ESTAMIRA. Produção de Marcos Prado e José Padilha. Rio de Janeiro: RioFilme, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1966.
- _____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2012.

JESUS, Carolina Maria de. *Meu estranho diário*. Organizado por José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine. São Paulo: Xamã, 1996.

_____. *Quarto de despejo*. São Paulo: Ática, 1997.

LE BRETON, David. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes, 2009.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Subversão pelo sonho: a censura cultural nos diários de Carolina Maria de Jesus. In: TUCCI, Maria Luiza Carneiro (Org.). *Minorias silenciadas: história da censura no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2002.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.